

TECNOLOGIA E TERCIARIZAÇÃO DIMINUEM DISTÂNCIAS

Ser periférico não é desculpa para o atraso

Eventuais custos de estar na periferia não só serão baixos como tendem a diminuir. No caso português, a distância real pode ser reduzida, tornando as vocações atlânticas e ibérica verdadeiras, promovendo ligações de altíssima qualidade e fomentando o intercâmbio empresarial, científico e cultural.

JOSÉ ALBUQUERQUE TAVARES*

Os portugueses adoram auto-definições, em especial se tomam uma forma, por assim dizer, definitiva. Assim definimos a nossa personalidade colectiva e a nossa economia. País de poetas e pequena economia aberta na periferia da Europa. De tanto repetir esta mantra chegamos a acreditar nela. Um dos consensos mais fáceis acerca da nossa economia é o ser periférica. Esta seria uma triste e irreversível verdade, mesmo se muitas vezes conseguimos encontrar-lhe vantagens. Nas aritméticas da União Europeia, quando estão em cima da mesa transferências de Bruxelas, chegamos a afirmar com um ênfase exagerado esta nossa condição periférica. Ese o continente ainda é envergonhadamente "periférico", as regiões autónomas já são orgulhosamente "ultra-periféricas". Será que somos realmente periféricos em termos geográficos? Em termos mais gerais, será que uma espécie de lotaria geográfica nos prejudicou irreversivelmente? Ou, pelo contrário até nos saiu, se não a sorte, pelo menos a terminação (no bom sentido, claro).

Há muitas maneiras de tentar avaliar a proximidade de um economia em relação aos grandes centros da economia mundial.

A distância medida pelo PIB

Uma das formas mais simples é medir a distância geográfica entre cada economia e as maiores economias em termos de produto interno bruto (PIB) é usar uma média ponderada dessas distâncias como indicador. Se o fizermos em relação às vinte maiores economias mundiais, a distribuição geográfica dessas grandes economias é só por si interessante: oito estão aqui à nossa porta, na Europa; a Espanha está ao nosso lado; a três horas de voo temos mais cinco grandes economias - França, Reino Unido, Itália, Alemanha e (sim!) Holanda; a Polónia, Turquia e Rússia não estão longe e os EUA e o Canadá também não. Mesmo considerando neste índice a distância a economias tão distantes de nós como a China, a Índia, o Brasil e a Coreia do Sul, a nossa posição geográfica parece tudo menos periférica. A distância média de Portugal é quase metade da dos países da América Latina e cerca de 50 por cento menor que a dos países da África sub-sahariana ou Ásia (ver gráfico). A nossa distância média é mesmo menor que a distância média dos países da OCDE. Mesmo entre o restrito clube dos países ricos (e, predominantemente, europeus) não somos periféricos!

Qual o verdadeiro custo de "estar cá longe", nesta nossa periferia? Se os outros países são guia útil, não é um custo intransponível. A Argentina está no "sul do sul" da América Latina; a posição da Austrália, ainda mais remota, não a impede, a partir do século XX e de um rendimento por habitante igual ao argentino, alçar-se hoje aos níveis mais elevados do mundo. Enquanto a Argentina ficava no mesmo lugar, estagnava. Por outro lado, não se pode refutar que uma fracção esmagadora do comércio e investimento internacionais se dá entre vizinhos, especialmente quando as barreiras artificiais às trocas são abolidas. Assim é entre Espanha e

Portugal depois da integração na União Europeia: cerca de 40 por cento do comércio bilateral está associado ao país do lado. Dada a importância do movimento de bens e capitais para o desenvolvimento, é natural que os países longe dos grandes centros, digamos Tóquio, Nova Iorque e Londres, se ressentam. Ou, no contexto europeu, os que distam da área em forma de lua minguante que abrange Londres, Paris, Frankfurt e Milão. Ai se concentra o coração da actividade económica na Europa industrializada. Toda a outra Europa é, neste sentido, periférica. Mas estar na periferia da Europa é muito diferente - e melhor - do que estar nas periferias da África e América ou no interior isolado da Ásia. Há outros indicadores que sugerem que o custo de estar na periferia é baixo. A correlação entre a distância às tais vinte maiores economias e a taxa de crescimento económico dos países é de cerca de -10 por cento. Isto é, há uma certa tendência para países mais periféricos crescerem mais lentamente, mas essa tendência é bastante atenuada. Não é de correlações de dez por cento que se faz o destino das nações!

A marginalização geográfica

Será que a geografia nos foi mardrasta de outras formas? Se fomos verdadeiramente obcecados por um determinismo geográfico podemos usar estudos como o realizado em 1999 por Gallup e Sachs, "Geography and Economic Development", que demonstra que o grande factor de mar-

ginalização geográfica das economias não é a distância ao "core" da economia mundial mas outros dois factores. O primeiro é a falta de acesso ao que que é ainda hoje o meio de transporte mais eficiente: o mar. Estima-se que os países sem acesso ao mar crescem em média menos 1 por cento ao ano que países costeiros em iguais condições. A segunda "maldição geográfica" é a ausência de um clima temperado. O sul da Ásia não tem clima temperado e cerca de 96 por cento da população da África Sub-sahariana e 88 por cento da da América Latina vivem em climas não temperados. Mais de 78 por cento dos africanos e 59 por cento dos habitantes do sul da Ásia vivem em climas não temperados e a mais de 100 quilómetros da costa. A Europa encontra-se num extremo exactamente oposto, com 96 por cento da população a habitar clima temperado, e 87 por cento a beneficiar também da proximidade da costa. Estas zonas temperadas próximo do mar ou de rios navegáveis são apenas um décimo da terra habitável mas concentram mais de metade do produto económico do planeta. Não é difícil verificar que Portugal poderá sempre contar com a felicidade de uma extensa costa e um clima temperado.

Eventuais custos de estar na periferia não só serão baixos como tendem a diminuir. As melhorias tecnológicas e a terciarização da economia depreciam a relação entre distância para a competitividade. A redução dos custos de transporte igualiza "core"

e periferia enquanto certo serviços, por exemplo os providos através da internet, poderão chegar a beneficiar de uma procura praticamente insensível a distância.

Ser periferia é uma má desculpa para o nosso relativo atraso económico. É uma má desculpa porque não se baseia necessariamente em factos e é uma má desculpa porque não é útil: leva-nos a aceitar o atraso como inevitável. O importante é sermos capazes de diminuir a distância real aos nossos mercados. Tornando a vocação atlântica verdadeira e promovendo sistemas de transporte aéreo e portuário de altíssima qualidade. Aproveitando a outra vocação, a ibérica, que nos liga naturalmente a uma grande economia. Aqui estabelecer lições rodo e ferroviárias de primeira linha, em especial com regiões relativamente densas em população como a Galiza e o noroeste peninsular. Sem esquecer o combate mais valioso, o do espírito: promovendo ideias e a volta de empresários, investigadores e intelectuais para fora deste nosso rectângulo, para onde poderás trazer depois novas maneiras de fazer e de entender. Como diz um antigo provérbio, "onde quer que estejas, aqui qu estás!". Depois de entender qual é mesmo o nosso lugar, o determinante é, c de "longe", chegarmos-nos lá perto.

QUEM DISSE PERIFERIA?

Distância média ponderada, em milhas, face às 20 economias com PIB mais elevado

País/Região	Distância
PORTUGAL	5868,17
PAÍSES DA OCDE	6136,29
ÁFRICA SUB-SAHARIANA	8473,97
LESTE ASIÁTICO	9187,9
AMÉRICA LATINA	10630,4

* Faculdade de Economia de Universidade Nova de Lisboa. Com a colaboração INTEL - Inteligência em Inovação.

www.azzurraair.it

Descubram todo o estilo italiano apenas a bordo.

PORTO - MILÃO



O voo da AZZURRA Air do Porto ao Milão é feito sob medida para as suas exigências, porque é o único voo ida e volta sem escalas entre as duas cidades. AZZURRA Air, a escolha ideal para quem quer sentir todo o estilo e a elegância italiana já a bordo.

AZZURRA AIR
ARIA ITALIANA.